

Delfim Santos, filósofo do diálogo

Prof. José Maurício de Carvalho

Departamento das Filosofias e Métodos da FUNREI

Resumo: *Pensar novas formas de dizer a realidade é um problema importante da filosofia. Num momento de descrença na capacidade do homem de certificar-se do que existe, como esse que vivemos, filosofar ganha uma nova significação. O problema da certificação deixou de depender dos inteligíveis puros como na metafísica dos antigos. Neste artigo procuramos indicar que, assumindo o diálogo como estilo de reflexão, Delfim Santos fez o seu caminho para considerar porque há o ser. A sua marca é o método dialógico, a sua filosofia uma ontologia que se sustenta na afirmação do existente como mundo. Com este conceito ele substituiu o que a metafísica denominava idéia, alma e razão, singularizando o existir e conferindo-lhe um ideal ético.*

Palavras-chave: *diálogo, filosofia, mundo, esclarecimento, existência.*

Introdução

Delfim Pinto dos Santos (1907-1966) olhou para a filosofia de muitos modos, enxergou-a como *o esforço de esclarecimento de algo que certo dia perturbou o homem* (Santos, 1982. Filosofia da fidelidade, v. II. p. 21), como *o registro do esforço realizado pelo homem para se compreender a si próprio* (Santos, 1982. Temática existencial, v. II. p. 79), como *a ordenação sistemática do pensamento com o fim de explicar a experiência humana, a natureza e os fins do homem, a natureza e a consistência das coisas* (Santos, 1982. Berkeley, v. II. p. 177), como *tentativa radical de objetivação, operando a descontinuidade da aparente continuidade da experiência sensorial* (Santos, 1982. Fundamentação da filosofia, v. II. p. 210), como *ontologia fundamental e atividade de fundamentação* (Santos, 1982. Filosofia como ontologia fundamental, v. II. p. 213), como *tentativa de fundamentação radical de todo o saber* (Santos, Sampaio Bruno, v. II. p. 255), como *esforço original de formulação das inquietações espirituais* (Santos, 1982. Metafísica e positivismo, v. II. p. 349). Poderíamos continuar mostrando o esforço do filósofo para falar daquilo que não se consegue tornar perfeito objeto do pensar. Ele fez muitas descrições, conforme enxergou a filosofia criação singular, procedimento racional, intento moral, produto do progresso da consciência. Muitas formulações, nenhum destaque para qualquer delas. Como entender isto?

O filósofo deu-se conta de que não se formula um conceito definitivo para a filosofia, porque nenhum deles vai mesmo dizer como desvelar o que de nós se esconde. O objeto mesmo da filosofia é inapreensível, embora seja nosso propósito tentar entendê-lo. Importante, pois, é lembrar Delfim e sua consciência do mistério que nos cerca e da dignidade que existe em nossa tentativa de elucidá-lo. Da realidade ficará sempre algo por dizer. Portanto, cada novo conceito de filosofia que ele teceu tinha uma função específica, provisória. Cada conceito revelava algo de uma verdade fecunda que alimenta novas formas de mostrá-la. E, então, o que fazer? Como retirar da vida espiritual as pérolas que adornam o existir? Como transmutar essas pérolas em jóias preciosas? Como avançar no entendimento do que é. A magnitude da tarefa exige humildade e diálogo, ensinou o filósofo. Dialogando é possível avivar na consciência os grandes desafios que nos cercam, dar-lhes novas formulações e dizer algo da verdade.

I. Os escolhidos para o diálogo e a construção de um mundo

Delfim Santos dialogou com muitos pensadores: Platão (428-347 AC.), Aristóteles (384-322 AC.), Santo Tomás de Aquino (1224-1274), Francisco Suarez (1548-1617), Giordano Bruno (1546-1600), René Descartes (1596-1650), Blaise Pascal (1623-1662), Georg Berkeley (1685-1753), Sampaio Bruno (1857-1915), Moritz Schlick (1882-1936), Edmund Husserl (1857-1938), Nicolai Berdiaeff (1874-1948), Nicolai Hartmann (1882-1950), Hans Reichenbach (1891-1953), Ortega y Gasset (1885-1955), Gabriel Marcel (1889-1973), Fidelino de Figueiredo (1889-1967), Karl Jaspers (1883-1969), Rudolf Carnap (1891-1970), Arnold Joseph Toynbee (1889-1975), Martin Heidegger (1889-1976). Esta longa lista está longe de ser completa. No entanto, ainda que enumerássemos todos os autores examinados por Delfim Santos, ela certamente deixaria de fora nomes consagrados, é inevitável. Contudo, isto não nos deve preocupar, não é a extensão da lista o que importa, ensinou o filósofo. O número de filósofos examinados não é garantia de meditação mais rica. A enumeração vale, contudo, pelo que indica. O que queremos mostrar? Que não importa a quantidade de pensadores visitados, nem é relevante o reconhecimento alcançado por eles na história da filosofia, não é o seu prestígio, sempre alterável, o que determina o seu valor como parceiro. Autores muito lidos em certo tempo caem no esquecimento, outros praticamente desconhecidos de sua geração ganham posterior notoriedade. O mais relevante é o progresso, naturalmente assimétrico, possível de ser implementado por nós diante de cada pensador. O produto da reflexão de cada filósofo por nós resgatado do passado traduz um tempo já morto, representa um mundo que já não existe e revela circunstâncias das quais somente se pode ter pálida referência. *O filósofo assume uma relação própria com o passado, que é, em parte, assimilado, repetido, alterado e retomado* (Carvalho, 1996. 168). Ensinou Delfim, em cada lição, que era necessário dar vida a estes sistemas visitados.

Como entender isto? O procedimento propicia descobrir a fagulha escondida sob o amontoado de cinzas, então é possível assoprá-la e fazer novamente fogo. Muito cuidado é preciso, observou, para distinguir o que está definitivamente superado ou morto, isto é, o que é lenha já queimada e o que é madeira possível de ser novamente incendiada. É a madeira boa a matéria prima das futuras perquirições. O que deve ser definitivamente eliminado logo de saída é a ciência do tempo do interlocutor, explicou Delfim. Este entulho é como as cinzas precisa ser removido antes de acendermos nova fogueira. Fazendo-o a filosofia ganha novos elementos, embora não um progresso contínuo, rítmico e permanente. O progresso, entendido como um acúmulo de informações, *é uma categoria da técnica, e aqui pode, de fato, o passado desaparecer, porque, com ele, foi superado o anterior; mas é muito diferente a vida do espírito nas suas relações com o antigo* (Santos, 1982. Da filosofia. v. I. p. 235).

Delfim Santos advertiu sobre os riscos da volta ao passado. Não se pode reconstruir o pensamento de outros tempos, o retorno não tem o propósito de classificar. Melhor do que fazer história do pensar é revolver o próprio pensar. Afirmou: *Em vez de se estudar a História da filosofia(...), (seria desejável que) se estudasse a filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea, não a sua história, que é construção posterior* (Santos, 1982. Missão humanizante da universidade. V. III. p. 216).

Magnífico processo de fazer surgir o novo, filosofar é dialogar. Era por isto que a filosofia não avançava uniformemente, afirmou, mas o fazia através de ondas diferentes, mais ou menos rápidas. Esta forma irregular de se referir ao progresso filosófico não é nova, já a utilizou Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Ele afirmou que

progresso filosófico não é o *processo de um pacífico aumento de novos tesouros aos anteriormente conquistados* (1998. p. 94). A novidade proposta por Delfim Santos é que ele explicou o progresso irregular como fruto de liberdades que se encontram e não como evolução de uma consciência absoluta.

Não havia na escolha dos parceiros nenhum propósito de organização sistemática, isto é, Delfim não queria estabelecer nem ecletismo, nem qualquer tipo de relativismo. Há, portanto, neste procedimento delfiniano, um projeto superior, como também houve em Hegel, pois a filosofia foi vista como ampliação da consciência. Desta forma, Delfim reconheceu a historicidade da consciência, que se adensa como substrato da criação cultural. Muitos eram os mundos, afirmou. Delfim se apropriou do que de melhor Hegel deixou para a historiografia das idéias ou para o entendimento de que a consciência é histórica, evitando os elementos de sua filosofia que foram torpedeados pela fenomenologia e pelo existencialismo. Os problemas que os pensadores enfrentam e o modo de o fazer revelam uma forma única de pensar, *embora também indiquem as características de um tempo* (Carvalho, 1998. Filosofia da cultura; Delfim Santos e o pensamento contemporâneo. p. 21).

O principal na escolha dos parceiros dependia do quão estimulador para o aprofundamento da consciência esses se revelavam. A lista dos parceiros é inevitavelmente pessoal, cada um a elabora a partir de suas preferências. Delfim procedeu organizando sua lista de interlocutores e não desejou que ninguém o imitasse. Sua enumeração dos autores representou parte do esforço para compreender a realidade. E o que fez nestes diálogos? Considerou os problemas que os filósofos examinaram com seus próprios olhos, fitou-os à partir de suas dúvidas. Não desfigurou seu interlocutor, mas descobriu coisas inéditas. Nada descaracteriza mais a atitude filosófica do que a repetição, explicou Delfim, é preciso pensar por si mesmo:

Ser discípulo em filosofia não é arrebanhar-se a um filósofo, mas na filosofia deste buscar elementos que o auxiliem a ser ele mesmo filósofo também. Apelidar-se alguém de cartesiano, ou de kantiano, ou de hegeliano é sinal de não ter compreendido nem Descartes, nem Kant, nem Hegel. E todos nós conhecemos a atitude de constrangimento que esses filósofos sentiram quando à sua volta se pretendeu formar doutrina que agrupasse discípulos (Santos, 1982. Moda, v. I. p. 456).

O que visa o diálogo? Delfim entendeu que o principal é a edificação de uma existência única, tipificada pelas sendas abertas e caminhos percorridos. António Quadros referiu-se a este procedimento metodológico como sendo de profunda eficácia teórica e pedagógica. Ele explicou: *não é por acaso que algumas das mais genuínas vocações filosóficas de sua geração passaram pelas aulas de Delfim Santos* (Quadros. p. 393). A filosofia propicia, no percurso de suas trilhas, ao homem se particularizar. Pelos contornos espirituais cada existente constrói o significado de sua presença no mundo. Quanto mais singular se torna, maior é o desafio de objetivação do seu modo de pensar. Ao fazê-lo dá voz ao fundamento. Neste sentido, o ponto de chegada do diálogo tem um valor universal, deixa ver o universal em cada rota singular.

II. O diálogo esclarece questões importantes para o homem

O diálogo que operou com alguns dos principais filósofos da humanidade tinha um propósito hermenêutico. Ele descobriu que era possível falar da experiência do homem comum e fazer filosofia. É essa a linha marcante da temática existencial proposta por Sartre, Ortega e Jaspers. Delfim a acolheu como lição de seu tempo e fez filosofia refletindo sobre os filmes da moda (*Aldeia Branca e A Balada de Berlim*, por exemplo - p. 319-21 e 109-112, respectivamente), à respeito do teatro (*Ortega e o teatro* - p. 373-76 do volume III), examinando livros de literatura, como os de Herman Hesse (p. 393 do mesmo volume). Ele debruçou-se sobre os temas mais comuns da experiência humana, dos quais são exemplos a escola e a criança (p. 119 - v. III), o papel exercido pela escola primária (p. 81-5 - v. III); a infância (p. 535-6), o mundo (533-4), os exames (519-22), os desafios de renovação da vida (527-30), as férias (531-2) temas abordados no volume II e, mais, democratismo (p. 39-42), a crise da democracia (p. 43-4), a ignorância (p. 377-86), moda (455-6), humanismo (495-6), assuntos examinados no volume I. Creio que poderíamos resumir seu propósito como se segue: a filosofia sempre diz algo ao homem situado.

A filosofia levada à cabo nestes diálogos tinha o gosto da terra, tocava nas questões do cotidiano sem, contudo, cair na banalidade ou conformar-se com a mediocridade. O filósofo mostrou-se genial quando tratou das experiências triviais do homem, quando se referiu ao cotidiano dos diferentes períodos históricos.

Cada época histórica, escreveu, pretende realizar o tipo de homem que se afigura mais próprio para a consecução dos fins em vista. É possível mesmo traçar uma história da cultura em função do homem, que cada período pôs em relevo, e depois, a partir do tipo para que tendeu, compreender não só a vida social e política, mas ainda as instituições vigentes em cada época.

O herói, o filósofo, o orador, o santo, definem com suficiente clareza as intenções predominantes da Antigüidade e da Idade Média (Santos, 1982. Talvez, v. I. p. 457).

Ir ao encontro do mais profundo sentido da vida, retirá-lo do comum da existência, representa o principal de seu diálogo com Heidegger. (Cf. Carvalho, 1993. p. 181-2). É com os temas humanos que nossa compreensão do ser ganha possibilidade. Com o mestre alemão formula-se uma compreensão pendular entre o ôntico e o ontológico, passagem contínua de um a outro sem qualquer síntese conclusiva. Quais as outras lições que retirou deste encontro? Foram muitas, porém destacaríamos: o reconhecimento de que o homem é objeto privilegiado da reflexão, pois guarda uma dimensão ôntica, *seu ser é determinado pela existência* (Santos, 1982. Heidegger, v. II. p. 359), o reconhecimento da carência e finitude do existente, ou melhor, o reconhecimento de que o homem não é um ser completo, a percepção de que o seu futuro é marcado pelo encontro com a morte, não como possibilidade remota, mas como condição na qual se está mergulhado até o cabelo. Este foi o modo delfiniano de traduzir a descoberta

heideggeriana de que a existência não está pronta e acabada, mas é uma inquietude de ser. Delfim Santos soube dar o seu toque pessoal ao descrever a condição do existente:

viver é um compromisso moral inseparável da condição de homem, a finitude impõe-lhe esse compromisso: o homem, dizia, não está na terra para gozar de uma ordem que ele não criou, mas para inserir os valores que durante a vida visionou. Posta desta forma a condição do existente, Delfim forçou uma interpretação da vida como autenticidade inquietante, isto é, o compromisso retira do esquecimento cada existente porque lhe confere uma condição que é única (Carvalho, 1997. p. 301).

Este modo de falar do homem significa reconhecê-lo como pessoa, ente único em sua dignidade e liberdade, singular na construção de seu mundo.

III. Outros exemplos do percurso aberto pelo diálogo com os pensadores.

A quantidade dos autores mencionados impede que consideremos todos eles de modo exaustivo numa comunicação. Como é relevante, neste estudo, apenas registrar exemplos das trilhas percorridas por Delfim, mostrando como ele conseguiu ser fecundo ao percorrê-las, vamos indicar os exemplos que nos parecem mais representativos. Começamos com o diálogo com a Escola de Viena, tendo como interlocutores Schilick, Reichenbach e Carnap, de onde brotou *Situação valorativa do positivismo*. Este é um dos mais importantes livros de Delfim Santos. Nele ensinou que o positivismo não se reduz às idéias de Comte. A filosofia elaborada pelos neo-positivistas é *expressão duma filosofia de base científica cuja finalidade se atinge pela clarificação dos conceitos e enunciados da ciência e pela decidida eliminação da metafísica* (Santos, 1982. Situação valorativa do positivismo. v. I. p. 54). Essa definição não diz tudo, mas os neo-positivistas são críticos de Comte. Entendem que uma teoria da ciência constituída pelo comtismo, em razão de seus paradigmas gnósticos, *é teoria de uma ciência que não seria nunca possível como ciência* (idem. p. 173); observam que a classificação dual da ciência, *distinguindo as da matemática e as natureza, se aproxima muito duma outra, proposta por Hegel, contra o qual o positivismo mais se tem gasto* (idem. p. 174), asseveram que o positivismo superou os critérios de organização hierárquica das ciências propugnada por Comte, que empregou o princípio complexidade crescente e generalidade decrescente. Delfim Santos também afirmou que os positivistas lógicos não eram adeptos do esquematismo analítico, do atomismo e do formalismo. Ao contrário, combatiam o formalismo e o esquematismo que empobrecem o pensamento e ao atomismo, pois este, *assume coloração metafísica ao pretender generalizar para o todo o que está em cada uma das partes* (Carvalho, 1996. p. 155). Delfim apontou onde estavam os limites deste novo positivismo, primeiro na identificação simplificada de vida interior e mundo subjetivo e depois na associação entre realidade e mundo objetivo. Ao contrário, *vida interior excede mundo subjetivo, como realidade excede o chamado mundo objetivo* (Santos, 1982. Situação valorativa do positivismo. v. I. p. 181). Foi esta identificação que levou os novos positivistas a repudiar a metafísica, mas, advertiu Delfim Santos, *a metafísica nem sempre merece tal desdém* (idem. p. 178).

Para se entender essa crítica ao positivismo devemos ter em conta o diálogo que estabeleceu com Nicolai Hartmann, o que ele fez em outra de suas obras excepcionais: *Da filosofia*. Foi na ontologia hartmanniana que ele encontrou os elementos para distinguir vida interior e mundo, realidade e mundo exterior. Ele explicou que a única realidade possível é a do existente, hoje não se pode separar homem e mundo, ou o velho problema da realidade (Cf. Carvalho, 1998. Cap. 1 a 5). Como ele entendeu esta lição de nosso tempo? Ele mostrou, naquela magnífica tese de doutoramento, que a realidade do existente comporta relações ou estratos superpostos e complementares, ainda que descontínuos. Afirmou: *Há diferentes formas de existência e nem tudo quanto é real existe no mesmo grau* (Santos, 1982. Conhecimento e Realidade. v. I. p. 293). Os estratos propiciam elaborar uma epistemologia, ontologia, lógica e moral, onde as idéias de conhecer, ser, saber, virtude ultrapassam os critérios imediatistas do positivismo comteano. A teoria dos estratos foi desenvolvida em outro trabalho extraordinário intitulado *das regiões da realidade*. Ali afirmou:

é possível, com um mínimo de abstração, compreender que no mundo vegetal e no mundo animal se encontram os correspondentes tipos próprios a cada um dos graus de relação das esferas a que aludimos: unidades compostas de matéria-vida, de matéria-vida-consciência e de matéria-vida-consciência-espírito. Da primeira temos como exemplo os seres vegetais, da segunda os seres animais, e da terceira o homem (Santos, 1982. Das regiões da realidade. v. I. p. 269).

Estabelecidos os estratos, o filósofo traçou os contornos das regiões da realidade. Elas favorecem a formação da consciência, mas acenam para o que de universal existe na razão. É a consciência que dá ao homem o significado de sua finitude e o espírito que o vincula aos outros. A teoria do real tem em sua base o esquema de espaço, que é a categoria própria da matéria. As deslocções no espaço exigem, por sua vez, a utilização do tempo para satisfazer os raciocínios da mecânica atual. A análise fenomenológica da consciência demanda uma outra categoria onde o tempo tenha primazia sobre o espaço e, finalmente, o espírito não parece inserido em nenhuma das categorias anteriores : *Temos assim a série completa dos possíveis esquemas: espaço, espaço-tempo, tempo-espaço, fora do tempo e do espaço* (idem. p. 272). Esta divisão não introduz dicotomia no real, mas o mostra aberto a categorias distintas. Conforme já tivéssemos oportunidade de mostrar que *na primeira região prevalecia a causalidade, na segunda a finalidade, na terceira a intencionalidade e na última a liberdade* (Carvalho. Delfim Santos e as trilhas do pensamento, 1998. p. 74). Se a ciência avança bem no primeiro campo, os outros estão à espera do exame que apenas a filosofia é capaz de realizar.

As regiões da realidade devem integrar não apenas o elemento material, mas também o ideal. Para Delfim Santos, como para Merleau-Ponty (1908-1961), o corpo e as coisas eram do mesmo estofa. Notável foi a intuição de que o homem é mais que corpo e que a realidade possui mais de uma esfera. Verifica-se que, neste caso, elementos do diálogo com Hartmann, que afirmara existirem duas regiões ontológicas: a real (dos

seres) e a ideal (essências, valores, leis lógicas e matemáticas). Delfim Santos voltou em *Conhecimento e Realidade* a considerar o real e o fez nos seguintes termos:

Realidade é mais vasta do que a extensão do conceito de existência. Existência é um determinado aspecto modal da realidade... Realidade é o que tem existência em si. Não importa a natureza desta realidade - ela pode ser real ou ideal. Realidade é existência em si (Santos, 1982. *Conhecimento e Realidade*. v. I. p. 314).

Sendo Heidegger e Husserl as principais referências delfinianas para a explicação do método fenomenológico, deve-se enxergar também a influência de Hartmann no modo como Delfim elaborou sua leitura fenomenológica da vida. Reconhecendo o caráter aporético da problemática filosófica considera o mistério que nos envolve irreduzível a sistemas, pois do contrário a unidade seria artificialmente elaborada. Delfim, como Hartmann, concluiu que era preciso não reduzir as perquirições da filosofia à unidade artificiosa das teorias. No entanto, há mais do que isto em suas meditações. Hartmann falou da separação dos planos cognoscitivo e ontológico, assim como não se misturam o problema existencial e o ontológico. É nesta distinção, fundamento do realismo, que Delfim Santos apoiou uma formulação criativa: a teoria dos mínimos.

IV. A teoria dos mínimos

O ponto de partida da mencionada teoria é o reconhecimento de que o objeto do conhecimento não pode ser produto da consciência subjetiva. Há pois, um objeto que deve ser evidente em si, estabelecendo uma relação entre aspectos diversos. Esta temática também foi desenvolvida em *Conhecimento e Realidade*:

A busca dos fundamentos últimos do saber é a temática constante da filosofia. Saber é um produto do conhecimento, e conhecimento uma das possíveis relações entre a consciência e algo diferente. Há portanto uma relação entre diversos. Este é o mínimo gnosiológico que se nos impõe como necessário. Podemos enunciar este mínimo da seguinte maneira: o conhecimento é uma relação de heterogêneos na qual e sempre um deles é consciência (Santos, 1982. *Conhecimento e Realidade*. v. I. p. 349/50).

Baseando-se no mínimo gnosiológico Delfim formulou a noção de mínimo ontológico ou afirmação da consciência, do seguinte modo:

É este o mínimo ontológico que se nos impõe. Podemos enunciar este mínimo da seguinte maneira: pode pôr-se em dúvida a existência de todos os ingredientes admitidos no fenômeno do conhecimento. A consciência, porém, é o horizonte a essa dúvida, e a manifestação de dúvida é indício irrefutável da consciência (idem, p. 350).

Da realidade da consciência, Delfim Santos passou a considerar o problema da individuação. A consciência em atividade funcionava como fator de distinção e diferenciação entre os sujeitos. A singularidade tem como suporte a vida e foi a partir de suas funções que o filósofo concebeu o mínimo metafísico. O existente reúne em si parcela do real, nos indivíduos articulam-se diferentes camadas superpostas constituindo o mínimo metafísico. Ao formular a questão deste modo pretendeu superar as contradições existentes entre a consciência e o mundo, dificuldade deixada por Husserl.

Os mínimos formulados até aqui nos permitem distinguir ser e valor e essa distinção é a porta para se chegar ao outro mínimo, o axiológico. O mínimo axiológico é função imediata do mínimo gnosiológico e nos permite o estabelecimento duma axiomática valorativa a que deverá referir-se todo o complexo cultural (idem. p. 351). Estava constituída a base para considerar a cultura o aspecto mais importante na diferenciação do existente. Esse seria o tema de seus últimos trabalhos, neles nos daria lições magníficas de humanismo.

V. A cultura é espaço do homem

O diálogo com Husserl e Heidegger permitiu-lhe falar da cultura como realidade do homem e abordar a vida humana como transcendência. De fato, se o ser é o que revela o sendo do ser e se o ser do sendo não é o já sendo, mas o que o ultrapassa, fica a existência marcada pela possibilidade contínua de renovação e criação. As considerações sobre o ser do homem precisam olhar não só as experiências íntimas que o homem efetiva na busca do fundamento, mas também para as suas criações objetivas, aquilo que Hartmann denominou de espírito objetivo. A cultura contribui tanto para o aperfeiçoamento moral dos indivíduos quanto para o seu amadurecimento espiritual.

A realidade do homem é um continuado desafio de superação. Há tanto à nossa volta para aprender, há tanto para criar, que o imobilismo não pode ser o padrão humano. Nos seus estudos sobre pedagogia há mais que considerações sobre o processo de ensino e aprendizagem, eles se revelam bases existenciais de um pensamento que fez do ideal de aperfeiçoamento intelectual e moral o farol da existência, a luz que antecipa o caminho a ser percorrido. Notou-o Cecília Godinho ao compreender que as idéias educacionais delfinianas são produto da antropologia, da gnoseologia e da ontologia. Referiu-se, na oportunidade, à transcensão como o ato de um ente que é autor deste exercício, *por um ser energeticamente transiente que, ao ser autor deste exercício, (...) é também ator, adaptando-se numa busca apreensiva do seu próprio ser e tornando-se apto, pelo reconhecimento, do que realmente é* (Godinho, 1995. p. 715). Transcensão, portanto, significa o reconhecimento no homem de uma dimensão de crescimento, de maturação, de elevação espiritual que possui profundas implicações éticas, além de ontológicas. De fato, a transcensão refere-se a um aprimoramento da personalidade, mas não pode ser somente isto.

Que outros aspectos a transcendência implica? *Ela incorpora o reconhecimento de que o homem não vive pura e simplesmente, inquieta-lhe a necessidade de viver melhor, perturba-lhe a exigência de encontrar um significado para o seu viver* (Carvalho, Delfim Santos e os temas culturais, 1997. p. 39). O homem somente vive sua humanidade quando elabora um sentido para sua existência, diria Delfim.

A filosofia da cultura tecida por Delfim Santos não fugiu da compreensão de nosso tempo. Reconhecendo os conflitos do homem, as contradições da existência, ele deu uma nova dimensão à atividade criadora do homem. Neste sentido, as teses sobre a cultura constituem um capítulo fundamental da filosofia delfiniana e enfrentam uma das dúvidas fundamentais da filosofia contemporânea: *como entender o que o mundo é, partindo da presença do homem* (Carvalho, Filosofia da cultura; Delfim Santos e o pensamento contemporâneo, 1998. p. 143).

V. Considerações finais

A meditação filosófica de Delfim Santos é fruto de uma consciência que amadureceu em diálogos profundos e criativos. Filosofar é dialogar, receber e contrapor, herdar e criar, ensinou Delfim. Assim, em que pese alguns pontos em relação aos quais não encontramos no filósofo justificativa convincente, como, por exemplo, a sua confiança na evolução moral do homem ou na valorização da caracteriologia, poucos conseguem como ele comunicar os dilemas humanos de modo tão rico, tão direto e tão próximo de nossa compreensibilidade do que Delfim Santos. Ele é um homem de nosso tempo. Ele é o filósofo das palavras diretas, da comunicação compreensível.

Não há homem, afirmou, existem homens, vidas palpitantes, existentes concretos. Creio que há razões para afirmar que o pensador representa a ponte segura que liga o pensamento português, de forte conotação metafísica, com a filosofia contemporânea. Esta é uma posição que compartilho com estudiosos notáveis. Pouco tempo antes de sua morte, quanto comentei com Francisco da Gama Caieiro tais impressões ele as confirmou e me mostrou um artigo muito interessante onde dizia a mesma coisa. O artigo era antigo, mas as razões de Caieiro não eram exatamente as minhas (Cf. Caieiro, 1983. p. 32), isto é, havíamos concluído o mesmo que Caieiro indo por outros caminhos. Ele teve a paciência do mestre, conseguiu partilhar comigo a descoberta do que já sabia. Sua benevolência me encheu de confiança. Logo depois comentei o mesmo com Miguel Reale, então sem aquela desconfiança com que inicialmente abordara Gama Caieiro. Reale assim se pronunciou sobre minha observação: *Delfim Santos é verdadeiramente um homem de seu tempo. Você escolheu um grande filósofo para estudar e observou bem sua proximidade com a filosofia contemporânea.*

O muito pouco de sua obra a que fiz aqui referência não foi certamente capaz de mostrar toda a riqueza de seu pensamento, mas deu idéia da confiança delfiniana na capacidade do homem de dialogar e dialogando superar os próprios limites, refazer o próprio mundo, descobrir o sentido da sua existência. Fica o homem com o futuro sempre aberto, com possibilidades renovadas de exprimir o que é. Melhor ainda, a existência possui uma abertura aos outros e às coisas, de modo que construir o mundo do existente não é um isolamento puro e simples de tudo, mas fazer cultura.

Pelo que apresentamos, Delfim Santos pode ser considerado um dos grandes pensadores de nosso tempo. De seus diálogos emergiu um existente situado, mas não escravo do meio ou da história. Além disto, Delfim conseguiu enxergar o limite e o valor da ciência de seu tempo, buscou superar as forças da corrupção que, no homem e na sociedade, aniquilam a esperança e entristecem a existência, elaborou uma ontologia para superar as dicotomias no real e suplantar o exclusivismo do idealismo e do materialismo, apostou na educação da humanidade como estratégia para mudar o mundo, construiu as

bases da confiança no homem com uma antropologia centrada na liberdade e dignidade da pessoa.

Bibliografia

CAIEIRO, Francisco da Gama. Da filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa. Separata da *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa: Universidade Clássica, 1983.

CARVALHO, José Maurício de. A influência das tradições luso-brasileiras no diálogo com Heidegger. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, 41 (170): 179-193, abr./jun. 1993.

_____. *A idéia de filosofia em Delfim Santos*. Londrina: EDUEL, 1996.

_____. O pensamento filosófico de Delfim Santos. *Anais de Filosofia*. São João del-Rei, n. 3: 67-74, jul. 1996.

_____. Delfim Santos e os temas culturais. *Educação e filosofia*. Uberlândia, 11 (21-22): 39-55, jan./jun. 1997.

_____. Delfim Santos e a temática existencial. *Anais de Filosofia*. São João del-Rei, n. 4: 297-306, jul. 1997.

_____. Delfim Santos e as trilhas do pensamento. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, 44 (189): 57-77, jan./jun. 1998.

_____. *O homem e a filosofia; pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

_____. *Filosofia da cultura; Delfim Santos e o pensamento contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

GODINHO, Cecília. Transcensão em Delfim Santos. *Revista Portuguesa de Filosofia*. Lisboa, 51: 713-718, 1995.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Introdução à história da filosofia*. - 4. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1988.

QUADROS, António. Introdução à vida e à obra de Delfim Santos. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, 41 (176): 390-417, out./dez. 1994.

SANTOS, Delfim. *Obras Completas*. III v. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.